

Elementos centrais e periféricos da representação social de masculinidade de estudantes do interior de Pernambuco

Central and peripheral elements of the social representation of masculinity of students from the interior of Pernambuco

Elementos centrales y periféricos de representación social de masculinidad de estudiantes del interior de Pernambuco

Edson Leandro de Almeida¹

Maria Eulina Pessoa de Carvalho²

RESUMO

Sendo o gênero uma construção social, cultural e educacional, as representações sociais de gênero se transformam. No caso das masculinidades, construções associadas ao machismo e à violência vêm sendo confrontadas. O objetivo do artigo é apresentar as representações sociais de jovens estudantes do Ensino Médio do Estado de Pernambuco, identificadas em pesquisa sobre as masculinidades. A metodologia constou de teste de associação livre de palavras (TALP) e teste de centralidade, de acordo com Abric (1994) e Moliner (2001), aplicados a 121 jovens, sendo 82 do sexo feminino e 39 do sexo masculino, entre os meses de março e setembro de 2021. Os resultados indicam que as palavras homem, machismo e força compõem seu núcleo central.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade. Estudantes. Ensino Médio. Representações Sociais.

ABSTRACT

Insofar as gender is a social, cultural and educational construction, social representations of gender are subject to change. In the case of masculinities, constructions associated with machismo and violence have been confronted. This paper aims to present the social representations of young high school students in the State of Pernambuco, Brazil, identified in research on masculinities. The methodology consisted of a free word association test and a centrality test, according to Abric (1994) and Moliner (2001), applied to 121 young people, 82 females and 39 males, between March and September 2021. The results indicate that the words man, machismo and strength make up their social representations central core.

KEYWORDS: Masculinity. Students. High school. Social Representations.

RESUMEN

Como el género es una construcción social, cultural y educativa, las representaciones sociales de género se transforman. En el caso de las

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: edsonfilo@gmail.com.

² Doutora em Currículo, Ensino e Política Educacional pela Michigan State University, USA (1997). Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPB. Bolsista de Produtividade CNPq. E-mail: mepcarv@gmail.com.

masculinidades se han enfrentado construcciones asociadas al machismo y la violencia. El objetivo del artículo es presentar las representaciones sociales de jóvenes estudiantes de secundaria del Estado de Pernambuco, Brasil, identificadas en investigaciones sobre masculinidades. La metodología consistió en una prueba de asociación de palabras libres y una prueba de centralidad, según Abric (1994) y Moliner (2001), aplicadas a 121 jóvenes, 82 mujeres y 39 varones, entre marzo y septiembre de 2021. Los resultados indican que las palabras hombre, machismo y fuerza conforman el núcleo central de sus representaciones sociales.

PALABRAS CLAVE: Masculinidad. Estudiantes. Escuela secundaria. Representaciones Sociales.

* * *

Introdução

Este texto é parte da pesquisa de doutoramento em educação do primeiro autor (ALMEIDA, 2022), interessada nas representações sociais de jovens de ambos os sexos sobre as masculinidades contemporâneas, a partir da aproximação com as teorias feministas e de gênero, e da problematização das normas (binárias e dicotômicas) de gênero, da masculinidade hegemônica (excludente da diversidade de gênero) e das relações de dominação nas relações sociais vividas.

Bourdieu (1999, p. 136) assinala que "o esforço no sentido de libertar as mulheres da dominação, isto é, das estruturas objetivas e incorporadas [...] não pode se dar sem um esforço paralelo no sentido de liberar os homens dessas mesmas estruturas que fazem com que eles contribuam para impô-las." Lembra que, na perspectiva relacional, as disposições à submissão e à dominação "não estão inscritas em uma natureza e têm que ser construídas ao longo de todo um trabalho de socialização, isto é, [...] de diferenciação ativa em relação ao sexo oposto". Portanto, se a socialização de gênero impõe às mulheres "a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante" (p. 63).

Sendo a escola um importante contexto de socialização secundária, a educação para a igualdade, equidade e diversidade de gênero deve ter nela lugar desde cedo. No ensino médio, em especial, momento de namoros e escolhas profissionais, a discussão sobre relações e identidades de gênero, e

sobre diversidade sexual é imprescindível. Ademais, existem problemáticas específicas de gênero como a violência, inclusive a escolar, que diz respeito aos homens e aos estudantes do sexo masculino (CARVALHO, 2012).

Com efeito, a maioria dos estudos sobre masculinidade a relacionam a certas características, mais ou menos constantes, tais como a força, a virilidade, a heterossexualidade e a violência (NASCIMENTO; TRINDADE, 2010). Reconhece-se a “correlação entre violência letal e masculinidade”, pois os homens são “tanto as principais vítimas como os principais autores de violência letal no mundo” (CERQUEIRA et al, 2021, p. 29). Segundo o Atlas de Violência 2021, “no Brasil a violência é a principal causa de morte dos jovens” do sexo masculino.

Em 2019, de cada 100 jovens entre 15 e 19 anos que morreram no país por qualquer causa, 39 foram vítimas da violência letal. [...] Dos 45.503 homicídios ocorridos no Brasil em 2019, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos [...] uma média de 64 jovens assassinados por dia” (CERQUEIRA et al, 2021, p. 27).

Além de se matarem entre si, os homens cometem feminicídios. O Atlas de Violência 2021 ainda informa que “em 2019, foram registrados 1.246 homicídios de mulheres nas residências, o que representa 33,3% do total de mortes violentas de mulheres registradas”. Por sua vez, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020 aponta números semelhantes registrados pelas Polícias Civis: “35,5% das mulheres que sofreram homicídios dolosos em 2019 foram vítimas de feminicídios” (CERQUEIRA et al, 2021, p. 41)

A masculinidade é, segundo Connell (1995, p. 188-189),

[...] uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero [...] diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre os homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. [...] Qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória.

Refere-se, portanto, a posicionamentos imaginários no interior dos discursos marcados pelo gênero (CONNELL, 2016). Sua construção deve ser pensada, ainda segundo Connell (1995), “[...] como um projeto (individual e coletivo) perseguido ao longo de um período de muitos anos e através de muitas voltas e reviravoltas” (p. 190). Esse projeto dinâmico e sobredeterminado produz masculinidades diversas, uma vez que as determinantes socioculturais da masculinidade, e da feminilidade são recebidas, integradas na teia das diversas dimensões de vida de cada sujeito e laboradas.

A masculinidade, especialmente a de configuração hegemônica seria, assim, um projeto minuciosamente executado para que se produza um determinado tipo de homem, e esse processo se constitui numa negação radical da feminilidade e das atribuições desta pela cultura de cada povo em particular e globalmente (CONNELL, 2003).

As Representações Sociais (RS) são definidas por Moscovici (2003, p. 181) como “[...] um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso das comunicações interpessoais”. Por sua vez, Denise Jodelet (2015, p. 37) define as RS como “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, tendo um objetivo prático e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Fica evidente, na definição de Jodelet, o caráter prático das RS, no sentido de orientar as condutas das/os sujeitas/os e possibilitar a comunicação. Jean-Claude Abric (1994) reforça a relação entre as práticas e as RS, sustentando que ambas são interdependentes, sendo que as RS determinam as práticas. Para Abric, as RS “[...] são o produto e o processo de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo constitui o real com o qual é defrontado e lhe atribui uma significação específica” (1994, p. 13), possibilitando “dar sentido a sua conduta e compreender a realidade através de seu próprio sistema de valores” (ALVES-MAZZOTTI, 2002, p. 17-18). Nesse processo são incorporados “[...] aspectos de natureza simbólica, cognitiva, avaliativa e afetiva” (WAGNER, 1998).

Uma RS é formada por dois sistemas que são, ao mesmo tempo, específicos e complementares, cada um desempenhando funções distintas: o Sistema Central (SC) e o Sistema Periférico (SP). Cada um é formado por um ou mais elementos. O SC, ou Núcleo Central (NC), é a estrutura mais sólida e perene da RS, seu núcleo duro, pouco variável no tempo e que garante a consistência mesma da representação. Por sua vez, o SP refere-se à parte operatória da RS (FLAMENT, 1994), e seria responsável por proteger o NC das contradições e modificações mais imediatas. Os elementos periféricos podem se apresentar mais próximos ou mais distantes do NC e, ao mesmo tempo que o protegem, atualizam e contextualizam sua normatividade.

As RS de masculinidade auxiliam a analisar os modos como elas influem nas práticas cotidianas no interior das relações de gênero, tanto entre homens e mulheres, como entre os próprios homens, donde a sua relevância teórica e prática. Todavia, estudos sobre masculinidade da perspectiva da Teoria das Representações Sociais (TRS) são escassos. O levantamento da produção acadêmica que correlacione masculinidade e a TRS, especialmente na vertente estruturalista, encontrou apenas uma dissertação e cinco artigos publicados em revistas científicas, brevemente comentados a seguir.

A RS da masculinidade é marcada pela força e virilidade dos homens (ZANARDI, 2012) e relacionada às determinações biológicas e fisiológicas, especialmente em sujeitos heterossexuais (BUSSINGER; MENANDRO; PADILHA, 2017); é indicada como modelo ainda vigente e utilizada como estratégia de manutenção de posições de poder, por homens e mulheres (COUTINHO *et all*, 2014). Esta posição é contraposta por críticas dos modelos hegemônicos instituídos pela cultura, especialmente por mulheres lésbicas, mas, também, e em menor grau, por mulheres heterossexuais (BUSSINGER; MENANDRO; PADILHA, 2017).

A RS da masculinidade está fortemente relacionada à discriminação e à violência (BUSSINGER; MENANDRO; PADILHA, 2017), mas, também ao papel ativo, como se ele, e apenas ele, fosse agente construtor da sociedade através da imposição de suas categorias discursivas por meio do domínio político e de espaços de validação de uma racionalidade única, a sua mesma,

reforçando ainda mais a violência simbólica que produz (PEREIRA; PONTAROLO, 2010).

A pluralidade de masculinidades também é constatada nas pesquisas sobre RS de masculinidades, especialmente na intersecção entre masculinidade e diversidade sexual, apontando para mudanças no sentido da “[...] construção de relações de gênero mais democráticas” (BUSSINGER; MENANDRO; PADILHA, 2017).

No entanto nenhuma dessas produções aborda as RS de jovens estudantes; e apenas uma se utiliza da vertente estruturalista, no entanto, não é uma pesquisa sobre RS de masculinidade, mas do que é ser homem e os cuidados com a saúde (COUTINHO et al, 2014). Daí a originalidade e relevância da presente pesquisa, no que se refere às RS de masculinidade de jovens estudantes, na vertente estruturalista.

Metodologia

A pesquisa caracterizou-se por uma abordagem metodológica mista, qualitativa e quantitativa, de tipo aplicada³, por visar à aplicação prática e propor uma reflexão, a partir dos dados obtidos sobre RS das masculinidades de estudantes em sua relação com a escola (GIL, 2008). A coleta de dados constou de aplicação de um formulário em cascata, on-line, do tipo Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), sendo esta uma das técnicas mais utilizadas nas pesquisas em RS na vertente estruturalista para produção de evocações. Aplicado a 121 estudantes do Ensino Médio de oito cidades do interior do estado de Pernambuco, entre os meses de março e maio de 2021, o modelo de TALP utilizado foi adaptado do proposto por Iohannes Tsoukalas (2006) e constou de três partes distintas:

- 1. Dados socioeconômicos das/os participantes** – idade e a cidade de residência; identidade de gênero; orientação sexual; pertencimento étnico/racial; prática religiosa.

³ Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (CCS-UFPB), sob parecer de número 4.430.663, de 01/12/2020.

2. Inserção das evocações – em duas etapas: a primeira consistiu em solicitar que a/o estudante escrevesse as três primeiras palavras que lhe viessem à mente quando lia a expressão “masculinidade”; cada uma destas palavras era agrupada à palavra masculinidade, formando três palavras compostas, as quais eram apresentadas em uma nova aba, na segunda etapa, e se pedia que a/o estudante escrevesse mais três palavras que lhe ocorressem ao pensamento; as duas etapas resultaram num total de 12 palavras evocadas para cada estudante.

3. Eliminação de palavras evocadas – a última parte consistiu em pedir ao/à estudante que procedesse à eliminação de metade das palavras evocadas, em escala diminutiva e sucessiva, conforme a técnica de escolha hierárquica e sucessiva (ABRIC, 2001); das 12 palavras, a metade deveria ser eliminada, restando 6 palavras, depois 3 e, finalmente, apenas uma, aquela que, supostamente, mais se aproximaria de “masculinidade”.

No que tange à caracterização das/os participantes, 83 (68,6%) se declararam mulher e 38 (29,67%) homem; nenhum/a participante se definiu como não-binário/a ou marcou a opção “outra”. Quanto à orientação sexual a maioria, 81 (67%), se declarou heterossexual, 19 (15,7%) bissexual, 10 (8,3%) preferiram não declarar orientação sexual, sendo 6 (5%) os/as que se declararam homossexuais, e 5 (4%) assinalaram a opção outra. Em relação ao pertencimento religioso, 53 estudantes se disseram católicas/os; 32 declararam crer em alguma divindade, mas não praticavam nenhuma religião; as/os evangélicas/os foram 15; 11 assinalaram a opção outra; 3 se disseram ateus/ateias; e um/uma se declarou espírita. Sobre o pertencimento étnico/racial, 46 se definiram brancas/os; 41 pardos/as; 23 negras/os; 8 marcaram a opção “outra”; e 3 se declararam indígenas. A faixa etária das/os estudantes variou entre 15 e 43 anos, com média em 17,13, moda em 17 e mediana em 18,5.

A TALP produziu um total de 1.128 evocações, sendo que 482 (42,73%) eram palavras diferentes e 324 palavras foram evocadas apenas uma vez. A palavra “homem” aparece como a mais evocada, ocorrendo 72 vezes, seguida das palavras “força” (49), “frágil” (45) e “machismo” (39).

As respostas foram transcritas e tratadas em planilha Excell. A transcrição seguiu à risca a ordem de evocações realizada pelas/os estudantes. O tratamento dos dados consistiu na eliminação de caracteres especiais

(acentos, cedilha, hífen, abreviações etc.) e correção ortográfica. Em seguida, foram submetidas a tratamento por lematização, ou seja, agrupando-se palavras que possuíssem o mesmo radical e mesma classe, reunindo aquelas que se diferenciavam apenas quanto ao gênero e ao número (irmão, irmã, irmãos e irmãs). Também se agruparam palavras semanticamente semelhantes, que compartilhassem um significado comum (forte, força; frágil, fragilidade). Em ambos os processos de agrupamento optou-se pela manutenção da expressão com maior frequência.

Após tratados, os dados foram inseridos no programa OpenEvoc (OE), que organiza e categoriza as evocações, dividindo-as e apresentando-as nos quatro quadrantes, conforme o quadro 1. No primeiro quadrante aparecem as palavras que foram evocadas mais vezes (maior frequência) e mais rapidamente expressas pelos/as estudantes, contendo elementos que compõem o possível SC ou NC da representação. O segundo quadrante, acima e à direita, apresenta as expressões que foram evocadas com frequência alta, porém tardiamente e se referem à primeira periferia. A zona de contraste é apresentada no quadrante inferior esquerdo, onde estão as palavras evocadas mais prontamente, porém com baixa frequência de evocação. Por fim, no quadrante inferior direito estão as palavras com baixa frequência e evocadas tardiamente, configurando a segunda periferia, ou periferia distante.

QUADRO 1 - Palavras da análise prototípica do OE

<p>1° QUADRANTE (++) Possível Núcleo Central Alta frequência. Baixa ordem de evocação.</p>	<p>2° QUADRANTE (+-) Primeira Periferia Alta frequência. Alta ordem de evocação.</p>
<p>3° QUADRANTE (-+) Zona de contraste Baixa frequência. Alta ordem de evocação.</p>	<p>4° QUADRANTE (-) Segunda Periferia Baixa frequência. Baixa ordem de evocação.</p>

Fonte: Elaborado com base em Abric (2001) e Sant'anna (2012).

O OE é um software destinado à análise prototípica de evocações, que consiste no cálculo da frequência e da ordem média das palavras evocadas (SANT'ANNA, 2012). De acordo com Alves-Mazzotti e Maia (2012, p. 75), a frequência (F) de uma determinada evocação corresponde ao total de vezes

que esta é expressa; por sua vez, a “[...] ordem média de uma evocação (OME) é calculada pela média ponderada obtida mediante a atribuição de pesos diferenciados à ordem com que, em cada caso, uma dada evocação é anunciada”.

A relevância da análise prototípica assenta no fato de que os elementos com maior importância em sua estrutura são mais acessíveis à consciência, são, portanto, mais prototípicos (VERGÈS, 1994; ABRIC, 1994). A análise prototípica é potente de ser aplicada em pesquisas que utilizem a associação livre de palavras, expressas a partir de uma palavra indutora, palavra esta que está referida a uma RS (WACHELKE; WOLTER, 2011, p. 521). Na presente pesquisa a palavra indutora foi “masculinidade”, que, após receber as associações de palavras, gerou novos termos indutores correlacionados.

O cálculo feito pelo OE leva em consideração o ponto de corte que deve ser pré-definido pela/o pesquisador/a, tanto para a frequência, quanto para a ordem das evocações. Sendo assim, as palavras consideradas de alta frequência são aquelas que apresentam frequência igual ou superior ao ponto de corte de frequência, indicando a saliência desses elementos para a RS. Aquelas que tiverem frequência inferior ao ponto de corte são consideradas de baixa frequência, sendo, portanto, mais periféricas. Em relação ao ponto de corte da ordem de evocação, o cálculo feito pelo OE é similar, apenas que, nesse caso, são consideradas como de maior importância para a RS aquelas palavras com ordem de evocação mais baixa que o ponto de corte, ou seja, que foram expressas primeiramente pelos/as participantes (FLEMENT; ROUQUETE, 2003; WACHELKE; WOLTER, 2011). Nesta pesquisa foram definidos os pontos de corte entre as zonas de alta e baixa frequência em 2%, e o da ordem média das evocações (OME) em 4,3%. A frequência mínima para inclusão no software foi de 0,9%.

Para melhor determinar os possíveis elementos do NC da RS da masculinidade por estudantes do Ensino Médio do interior de Pernambuco, procedeu-se a uma segunda etapa da pesquisa, denominada de teste de centralidade. Para tanto utilizou-se a técnica de questionamento *mise en cause*, proposta por Moliner (2001), que consiste em perguntar às/aos

informantes se conseguem pensar na palavra indutora (masculinidade) sem pensar em outra determinada palavra, sugerida pela/o pesquisador/a, ou, no nosso caso, nas palavras que a análise prototípica indicou como possuindo hipótese de centralidade. A resposta negativa aponta para a indissociabilidade entre as duas palavras, confirmando a hipótese de centralidade para aquela expressão, ou seja, de que aquela palavra é essencial à representação. Para que uma dada expressão possa ser considerada como possível componente do NC, é indicada uma presença de, no mínimo, 80% de respostas negativas (WACHELKE, 2009).

Para essa etapa foi utilizada a técnica de entrevista estruturada composta de quatro perguntas, que tiveram como fonte as palavras apresentadas pelo OE na análise prototípica como hipóteses de centralidade: “homem”, “força”, “machismo”, “frágil”. Nesse sentido, perguntou-se às/aos estudantes: Você consegue pensar em MASCULINIDADE, sem pensar na palavra HOMEM? Por quê? A mesma estrutura de questionamento foi mantida para as outras três palavras.

Resultados e discussão

As ocorrências da análise prototípica, processadas pelo OE, a partir das evocações das/os estudantes, podem ser verificados no quadro 2, com os elementos dos prováveis SC e SP das RS de masculinidade. O quadro apresenta a totalidade dos questionários (121), considerando os pontos de corte que foram aqui definidos em: Frequência (F) = 2; Ordem Média de Evocações (OME) = 4.3; e frequência mínima (f) = 0.9.

Quadro 2 – Frequência X Ordem de Evocação (Geral, N=121)

++	Frequência >= 2 / Ordem de evocação < 4.3	
6.38%	homem	3.24
4.34%	força	4.16
3.99%	frágil	3.76
3.46%	machismo	3.51

+-	Frequência >= 2 / Ordem de evocação >= 4.3	
2.57%	violência	5.55
2.04%	preconceito	5.78

--	Frequência < 2 / Ordem de evocação < 4.3	
1.51%	heterossexual	3.65
1.06%	toxico	3.75

--	Frequência < 2 / Ordem de evocação >= 4.3	
1.95%	poder	5.05
1.24%	respeito	5.21
1.06%	superioridade	5.67
1.06%	coragem	6.42
0.98%	macho	4.45
0.98%	carater	4.64
0.98%	desrespeito	4.82

Fonte: dados da pesquisa (2022).

A análise prototípica aponta para a saliência das palavras “homem”, “força”, “machismo” e “frágil”, na RS de masculinidade, componentes do quadrante do NC. A primeira periferia apresenta as expressões “violência” e “preconceito”. Já no quadrante inferior esquerdo, zona de contraste, constam apenas as palavras “heterossexual” e “tóxico”. A segunda periferia contém as palavras: “poder”, “respeito”, “macho”, “caráter”, “desrespeito”, “coragem”, “sexualidade” e “músculo”. Essas palavras indicam os diversos sentidos que os/as estudantes da pesquisa dão à masculinidade.

As palavras constantes no quadrante do NC sugerem que, para os/as participantes desta pesquisa, *a masculinidade é a posição dos homens no interior das relações de gênero expressa pela força, que busca esconder sua fragilidade por meio do machismo.*

A palavra “homem” aparece em destaque nas evocações dos/as estudantes e está em consonância com a própria definição do conceito de masculinidade por Connell, como “[...] a posição dos homens no interior das relações de gênero” (1995, p.188). Para a maioria das/os respondentes desta pesquisa há uma correlação entre “homem” e “masculinidade”.

Na justificativa das/os estudantes que participaram da segunda etapa da pesquisa, a palavra “homem”, quanto à importância e correlação na representação de masculinidade, é apontada como imprescindível, conforme declaração de algumas estudantes:

Automaticamente ao escutar “masculinidade” já vem em mente os homens (ESTUDANTE 9, 15 anos, feminina, bissexual, parda e católica).

Quando paro para pensar na palavra masculinidade (...) já me vem a figura de um homem (ESTUDANTE 6, 17 anos, feminina, heterossexual, parda, sem religião).

Mesmo com a prevalência da vinculação da masculinidade aos homens, um estudante respondeu que é possível pensar a masculinidade nas mulheres. Segundo ele, “[...] mulheres podem ser masculinas, homem pode ser feminino” (Estudante 1, masculino, homossexual, branco e sem religião). Essa posição é ratificada por pesquisas que consideram que expressões e posições da masculinidade são muitas vezes assumidas por mulheres (HALBERSTAM, 2008; ÁVILA e GROSSI, 2010).

“Força” foi a segunda palavra mais evocada pelas/os estudantes. A força é culturalmente associada à masculinidade. No processo de socialização das crianças do gênero masculino a força é um elemento sempre posto à prova, exigida sua demonstração seja no uso da violência ou em competições em que é o fator mais expressivo.

A palavra ‘força’ é dotada de uma certa polissemia. Pode ser associada à força física, mas, também, à força afetiva e psíquica, à capacidade de cada sujeito/a resistir a situações que demandam cargas afetivas e emocionais intensas, bem como à resiliência em superar ou ressignificar experiências dolorosas vividas, bem como à força mesma de suportar expor e aceitar suas fragilidades e limites. Na construção das masculinidades, a força está presente nas práticas que orientam as crianças masculinas a não chorarem, a não expressarem suas emoções, pois estas seriam uma demonstração de fraqueza, portanto, de não masculinidade.

Na fala dos/as estudantes a força é evidenciada, especialmente no sentido de força física:

Os homens têm a todo tempo de mostrar que são fortes (...). É uma das características que a sociedade já valoriza no homem (ESTUDANTE 2, 19 anos, feminina, heterossexual, branca, sem religião).

A pessoa acaba associando (força) ao homem que é um ser forte, força física (ESTUDANTE 7, 18 anos, masculino, bissexual, branco, sem religião).

As duas outras palavras com hipótese de centralidade ('frágil' e "machismo"), apontam para uma percepção negativa da masculinidade pelos/as estudantes da pesquisa. Não se pode negligenciar o fato de que 68,6% das respondentes são mulheres. A palavra 'frágil' foi evocada 45 vezes, correspondendo a 3,99% da totalidade das evocações. Sobre a fragilidade, uma estudante feminina indicou que:

Se alguém usa de sua "masculinidade" para esconder mais e mais seus problemas, fragilidades, é porque, de fato, é frágil igual ou mais que todos (ESTUDANTE 8, 19 anos, feminina, heterossexual, branca e católica).

A fala da estudante aponta para o que já foi colocado anteriormente, ao relacionar a fragilidade masculina com incapacidade de reconhecer e assumir suas próprias fragilidades e limitações.

A palavra "machismo" foi a quarta mais evocada. Machismo é uma categoria complexa e polissêmica. Nas palavras de Nolasco (1993): "O termo machismo guarda em si limitações conceituais no que tange à sua capacidade explicativa para mapear a organização do sujeito" (p. 87). Em geral, carrega consigo uma conotação negativa e acusatória contra os homens, sendo rechaçada por eles próprios, que, em geral não querem ter suas imagens atreladas ao machismo (GUTMANN, 2013).

Pereira e Gamas (2021) definem o machismo como a expressão de sentimentos, ações e falas "[...] que são produzidos com o intuito de inferiorizar o gênero feminino e os gêneros considerados marginais, promovendo várias formas de violência, seja física ou simbólica" (p. 215). As autoras vinculam a noção de machismo aos conceitos de masculinidade hegemônica (CONNELL, 2001) e de dominação masculina (BOURDIEU,

1999). Já o Dicionário da Crítica Feminista não descreve machismo, mas remete a/o leitor/a ao verbete androcentrismo, o que sugere uma certa equivalência. Este último é descrito como o “[...] sistema de pensamento centrado nos valores e identidade masculinos, no qual a mulher é vista como um desvio à norma, tomando como referência o masculino” (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 3).

‘Machismo’ foi evocado 39 vezes, correspondendo a um total de 3,64% das evocações. As estudantes femininas relacionam diretamente o machismo à masculinidade, expressando negatividade:

[...] acredito que muito dessa masculinidade doentia está relacionada com o machismo. Em uma sociedade patriarcal, em que o homem sempre tinha a última fala e a mulher era menosprezada (ESTUDANTE 8, 19 anos, feminina, heterossexual, branca e católica).

Analisando as evocações presentes nos quadrantes do SP (Quadro 2), a primeira periferia, mais próxima do NC, apresenta as expressões “violência” e “preconceito”, que apontam para uma contestação à masculinidade hegemônica.

Tais evocações sugerem que as mulheres, em suas relações ambivalentes com os homens, produzem uma RS em que os elementos contraditórios não comprometem a própria representação. Assim, a carga negativa que imprimem, especialmente na área da primeira periferia e em elementos com hipótese de centralidade (“frágil” e “machismo”), coexiste com os elementos mais centrais e positivos (“homem” e “força”), bem como com outros que aparecem na segunda periferia, analisada mais adiante.

Considera-se, aqui, especialmente, a complexidade existente na relação das mulheres com os homens, em que elas precisam a todo momento encontrar sentido e se localizar em suas dinâmicas afetivas e sociais, e a realidade de que, na grande maioria das vezes, os homens que produzem violência contra elas são aqueles mesmos que lhes juram amor, que são suas companhias afetivas, amorosas, sexuais, sua família (irmãos, pais, filhos, amigos, namorados, companheiros). Tais experiências exigem das mulheres a

produção de uma distinção refinada, mas nem sempre fácil, entre a masculinidade e os homens, consoante a declaração da historiadora britânica Mary Beard (2020), quando diz que “[...] a masculinidade é o inimigo, não os homens. Eu moro com um”.

Na zona de contraste (Quadro 2), aparecem as palavras “tóxico” e “heterossexual”, as quais podem tanto ser parte da primeira periferia ou, ainda, indicar a posição específica do grupo, apontando, inclusive, para possíveis mudanças na RS. A palavra “tóxico” tem sido largamente utilizada nas redes sociais para indicar relações não saudáveis, especialmente no que tange às relações amorosas e/ou familiares. O conceito de masculinidade tóxica refere-se às “[...] manifestações tóxicas da masculinidade contemporânea: violência masculina e agressão, medo de expressar emoção, medo [...] de emasculação” (NIELSON, 2018, p. 255).

A palavra “heterossexualidade” é apontada como uma das características que marcam a masculinidade hegemônica, constituindo um elemento central da matriz de inteligibilidade de gênero (BUTLER, 2014). A não evocação da heterossexualidade como elemento central nas RS de masculinidades surge como uma surpresa advinda do campo de pesquisa.

Acrescentando as expressões do segundo e terceiro quadrantes na RS de masculinidade para estas/es estudantes, se poderia sugerir que *a masculinidade é a posição dos homens no interior das relações de gênero expressa pela força, que busca esconder sua fragilidade por meio do machismo, manifesto nos atos de violência e preconceito, apresentando-se como tóxica e reforçando a heterossexualidade.*

No que se refere à segunda periferia, destaca-se a expressão “poder”, que ficou muito próxima dos pontos de corte tanto da OME, quanto da frequência. Aparecem também aqui termos opostos, tais como “respeito” e “desrespeito”, que, por estarem na periferia, apontam para posições específicas em relação à representação de masculinidades, não indicando, necessariamente, uma contradição, mas sugerindo a existência de grupos específicos em cada evocação. Aparecem, ainda, palavras que exaltam a

masculinidade, tais como “superioridade”, “coragem” e “caráter”, bem como a expressão “macho”, indicando, provavelmente, uma visão cisheteronormativa.

Teste de centralidade: método *mise en cause*

Após a realização da análise prototípica, apresentada acima, com todas as evocações feitas pelas/os estudantes da pesquisa, através do software OpenEvoc, quatro palavras se destacaram com hipótese de centralidade: “homem”, “força”, “machismo” e “frágil”. No entanto, a análise prototípica é apontada como insuficiente para a determinação dos elementos do NC, e recomenda-se uma abordagem plurimetodológica (ABRIC, 1994; ALVES-MAZZOTTI, 2002). Além da análise prototípica, para uma melhor delimitação do NC recomenda-se a utilização de outras técnicas.

O NC é composto por um ou mais elementos. Um elemento será central se, e somente se, este for inseparável da representação, uma vez que “[...] os elementos centrais são ‘inegociáveis’, isto é, se retirados da representação, ela perde seu significado” (ALVES-MAZZOTTI, 2002). Nesse sentido, a distinção fundamental de uma palavra como pertencente ao NC reside, segundo Abric (1994), no fato desta dar sentido à representação e de ser compulsória na representação do objeto, ou seja, inegociável em relação ao objeto da representação (FLAMENT, 1994; ALVES-MAZZOTTI, 2002).

Para chegar a uma melhor delimitação dos elementos do SC da RS das masculinidades, procedeu-se à utilização da técnica de questionamento, *mise en cause* (MOLINER, 2001).

Para essa etapa 35 participantes foram contactados, as/os quais haviam respondido ao questionário da etapa anterior e já estavam informadas/os da possibilidade de uma segunda entrevista. Este contato se deu via mensagem privada nas redes sociais, WhatsApp e Instagram. A entrevista foi enviada no mês de setembro de 2021 e, como era assíncrona, foi dado um prazo de 20 dias para o envio da resposta, para que a/o estudante pudesse fazê-la sem prejuízo de sua organização pessoal. Das/os 35 estudantes contactadas/os apenas nove

responderam à entrevista, e o baixo número de respostas é considerado um limite para a compreensão mais ampla da análise aqui empreendida.

Das/os nove estudantes participantes desta etapa, cinco eram mulheres e quatro homens. Quatro se declararam heterossexuais, três bissexuais e duas homossexuais. As idades variaram entre 15 e 19 anos, com média em 17,4, moda em 18 e mediana em 17 anos. Quanto à pertença religiosa a maioria (cinco), assinalou a opção ‘creio, mas não sigo nenhuma religião’ e quatro se declararam católicas. A autodeclaração de etnia/raça apresentou maioria branca (cinco), e as opções negra e parda com duas respostas cada.

Considerando as especificidades da técnica *mise en cause* (MEnC) e as evocações com maior saliência obtidas a partir do OE, foram formuladas quatro perguntas, uma para cada palavra com hipótese de centralidade, ou seja, “homem”, “força”, “machismo” e “frágil”. As perguntas tinham como intenção verificar o nível de independência de cada uma das palavras para a representação de masculinidade. Foi perguntado à/ao estudante: “Você consegue pensar em masculinidade sem pensar na palavra HOMEM? Por quê?” A mesma pergunta foi feita para as outras três palavras. Os resultados estão descritos na Tabela 1, adiante.

Das/dos nove estudantes que responderam à entrevista, oito afirmaram que NÃO conseguem pensar em masculinidade sem pensar na palavra “homem”. Nas justificativas às respostas se evidencia a relação indissociável de masculinidade e homem, porém as explicações para tal vinculação são diferentes. A análise das respostas permite localizá-las em duas perspectivas distintas. A primeira afirma a indissolubilidade entre as duas palavras, mas enfatiza a influência da cultura e da sociedade nessa produção, reafirmando o que se disse anteriormente sobre a pouca expressividade de evocações de palavras com explicações biologizantes para representar as masculinidades (ênfases nossas).

Não. Quando penso no Termo ‘Masculinidade’ já vem à cabeça ‘Homem’.

Devido à Sociedade. (ESTUDANTE 4, 16 anos, masculino, heterossexual, branco, católico).

Não, porque pelo que a gente **ouve das pessoas** é algo ligado ao homem. (ESTUDANTE 5, 18 anos, masculino, homossexual, negro, sem religião).

A ênfase na construção social e cultural das masculinidades (e do gênero) é enfatizada pelos estudantes acima, fato que indica deslocamentos significativos das representações de gênero e das masculinidades vinculadas aos aspectos biofisiológicos. Para estes sujeitos a posição masculina, ou feminina (ou outra), não é dada pelo elemento biológico, mas pelos discursos e práticas impostos pela cultura.

No que se refere à palavra “força”, vale destacar que esta é uma característica histórica e culturalmente associada à masculinidade dos homens, tanto a força física, quanto a emocional, no sentido de não expressar as fragilidades, as sensibilidades. Para a maioria dos/as estudantes da pesquisa a força aparece vinculada à masculinidade. Ao serem perguntados/as se conseguiriam pensar na masculinidade sem pensar na palavra “força”, seis, dos nove sujeitos da pesquisa, responderam negativamente, duas estudantes responderam afirmativamente e uma respondeu sim e não.

Não. Pois, justamente é uma das características que a sociedade já valoriza no homem. (ESTUDANTE 2, 19 anos, feminina, heterossexual, branca e sem religião).

Não. Porque a pessoa acaba associando ao homem, que é um ser forte, força física. (ESTUDANTE 6, 17 anos, feminina, heterossexual, negra e católica).

A fala da última estudante aponta para a força como uma característica essencial do homem. Além disso as duas falas, ambas de estudantes femininas, equiparam as expressões masculinidade e homem, uma vez que ao serem perguntadas sobre a relação da força com a masculinidade indicam que são palavras indissociáveis, porém nas respostas não se referem mais à masculinidade, mas ao homem.

As estudantes que responderam sim, que conseguem pensar nas masculinidades sem pensar em “força”, declaram que a força não é um atributo exclusivo da masculinidade, mas é também das feminilidades:

Acho que a força não deveria ser vinculada apenas à masculinidade, e a feminilidade? A força pode ser vinculada à mesma também. (ESTUDANTE 3, 17, anos, feminina, bissexual, branca, sem religião).

Outra sujeita dialetiza o binômio força/frágil indicando que, conforme apontado anteriormente, a força é um subterfúgio contra a fragilidade, inerente à condição humana, porém negada pelos homens que sustentam uma masculinidade hegemônica:

Sim, os homens têm em mente que, quem não tem as mesmas atitudes que eles, tem sua masculinidade frágil, mas é totalmente o contrário. (ESTUDANTE 9, 15 anos, feminina, bissexual, parda, católica).

Destaca-se o fato de ambas as estudantes serem mulheres.

No que se refere à palavra “machismo”, esta apresentou índice significativo de vincularidade com a RS de masculinidade, indicando incidência de centralidade. Dos/as nove estudantes desta etapa da pesquisa, sete responderam negativamente, afirmando a relação vincular compulsória entre masculinidade e o machismo.

A palavra “machismo” aparece como automaticamente associada ao se ouvir a expressão masculinidade. As falas das estudantes, a seguir, confirmam tal hipótese de centralidade e vincularidade (ênfases nossas):

O machismo está muito presente na sociedade atualmente e **quando você pensa** masculinidade, requer um pouco do machismo, **vem na sua cabeça**. (ESTUDANTE 6, 17 anos, feminina, heterossexual, negra, católica).

Não, quando penso no homem, já **me vem à mente** um homem machista e opressor. (ESTUDANTE 3, 17 anos, feminina, bissexual, branca, sem religião).

Nas respostas dessas participantes fica evidente a vincularidade entre masculinidade e machismo, observando-se que uma delas defende que a masculinidade requer algum traço de machismo.

Para outras participantes da pesquisa, o machismo está vinculado à masculinidade, mas não em todas as posições de masculinidade:

[...] a maioria dos homens tem um machismo por trás de algo, **mas nem todos**. (ESTUDANTE 9, 15 anos, feminina, bissexual, parda, católica).

Esta resposta indica a possibilidade de formas diversas de expressão das masculinidades, inclusive aquelas que não se utilizam de expressões do machismo.

O machismo é sustentado e sustenta as relações generificadas que produzem posições de poder desiguais em uma sociedade ainda marcada pelo androcentrismo, que impõe a visão de mundo dos homens como referência (MACEDO e AMARAL, 2005), num processo retroalimentado e mútuo, como expressa este estudante:

O machismo está presente nos pilares da sociedade, e a masculinidade imposta para os homens também vem das pessoas machistas. (ESTUDANTE 1, 17 anos, masculino, homossexual, branco, sem religião).

Por sua vez, um e uma estudante responderam que conseguiam pensar na masculinidade sem pensar automaticamente em “machismo”, sugerindo que há posições masculinas marcadas pelo machismo, mas o este, para ele e para ela, não estaria ligado indissociavelmente à masculinidade.

Sim, [...] acredito que dá sim – para pensar a masculinidade sem pensar no machismo. (ESTUDANTE 5, 18 anos, masculino, homossexual, negro, sem religião).

Sim. Porque nem toda pessoa que é do gênero masculino é uma pessoa machista. (ESTUDANTE 2, 19 anos, feminina, heterossexual, branca e sem religião).

A palavra “frágil” foi a que apresentou a menor vincularidade com a RS de masculinidade. Apenas duas respostas, sendo uma de estudante do gênero feminino e outra de estudante do gênero masculino, referiram-se à pergunta da entrevista de forma negativa, um estudante respondeu ‘talvez’, e seis estudantes, sendo dois meninos e quatro meninas, responderam que sim, conseguem pensar em masculinidade sem pensar na palavra “frágil”.

Nas etapas anteriores a palavra “frágil” manteve sua constância nas evocações das/os estudantes; em algumas categorias, descritas no capítulo anterior, foi inclusive a palavra mais citada. Porém quando se aplicaram os critérios de teste de centralidade, conforme indica Abric (1994), sua posição de elemento central não se sustenta. Numa primeira aproximação, a palavra “frágil” parece estar mais próxima de se configurar como um elemento periférico com alta frequência e baixa ordem de evocação, mas que não se caracteriza como elemento central em função de sua não vincularidade com o objeto da representação, as masculinidades (ABRIC, 1994; FLAMENT, 1994).

As/Os estudantes que responderam negativamente, ou seja, que compreendem masculinidade e fragilidade como indissociáveis, apontam que

[...] a masculinidade tem fragilidade. (ESTUDANTE 5, 18 anos, masculino, homossexual, negro, sem religião).

E justificam que (ênfase nossa)

[...] se alguém usa de sua ‘masculinidade’ para esconder mais e mais seus problemas, fragilidades, é porque, **de fato, é frágil**. (ESTUDANTE 8, 19 anos, feminina, heterossexual, parda, católica).

Por sua vez, as/os estudantes que responderam afirmativamente à pergunta e que, portanto, não vinculam compulsoriamente a palavra “frágil” à masculinidade alegam que sua posição se deve ao fato de que (ênfases nossas)

[...] fragilidade não é (tem) só a ver com ‘homem’ ou ‘masculinidade’. (ESTUDANTE 4, 16 anos, masculino, heterossexual, branco, católico).

na minha **cabeça eu nunca, masculinidade, eu nunca associei à palavra fragilidade**. (ESTUDANTE 6, 17 anos, feminina, heterossexual, negra, católica).

Enfim, no fundo,

não são os homens que são frágeis. (ESTUDANTE 3, 17 anos, feminina, bissexual, branca, sem religião).

TABELA 1- Respostas das/os estudantes às perguntas do teste de centralidade através da técnica *mise en cause*

Você consegue pensar em masculinidade sem pensar na palavra (*)?				
Estudante	Homem	Força	Machismo	Frágil
ESTUDANTE 1	Não	Não	Não	Sim/Não
ESTUDANTE 2	Não	Não	Sim	Sim
ESTUDANTE 3	Não	Sim	Não	Sim
ESTUDANTE 4	Não	Não	Não	Sim
ESTUDANTE 5	Não	Não	Não	Não
ESTUDANTE 6	Não	Sim	Sim	Não
ESTUDANTE 7	Não	Não	Não	Sim
ESTUDANTE 8	Sim	Sim/Não	Não	Sim
ESTUDANTE 9	Não	Não	Não	Sim
Total 'NÃO' (%)	88,9	72,2	77,8	22,2

Fonte: dados da pesquisa (2022).

Diante das respostas das/os estudantes à técnica MenC, é notória a centralidade da palavra “homem”. Com base nos dados e considerando os limites da pesquisa, “machismo” também pode ser considerado como elemento do NC, uma vez que atingiu uma porcentagem de respostas negativas muito próxima dos 80%, corte sugerido para pesquisas de teste de centralidade (WACHELKE, 2009). “Força” se apresenta com alta probabilidade de centralidade, porém com percentual de resposta de vincularidade em torno de 72,2%, próximo dos valores indicados, porém mais distante do que os valores atingidos pela palavra “machismo”. Por fim, a palavra “frágil” se apresentou, definitivamente, mesmo considerando o tamanho reduzido da amostra, como elemento periférico de alta frequência, conforme a tabela 1.

Considerações finais

Os achados da pesquisa, considerando sua especificidade no que tange às/aos sujeitas/os participantes da mesma, sua metodologia e sua localização no tempo (pandêmico) e no espaço (cidades do Agreste e Sertão de Pernambuco), apontam para considerações pontuais, interessantes ainda que não generalizáveis, elencadas a seguir.

Indicam, primeiramente, que a masculinidade é a posição dos homens no interior das relações de gênero expressa pela força, que busca esconder sua fragilidade por meio do machismo, especialmente a partir das evocações colhidas na primeira fase da pesquisa, onde os elementos homem, força, frágil e machismo se apresentaram com saliência para a RS de masculinidade.

Também se destaca o fato de a heterossexualidade não ser apontada como elemento central da RS de masculinidade. A heterossexualidade é, histórica e culturalmente, apresentada como um dos elementos mais marcantes da masculinidade. Essa divergência sugere a produção de novas pesquisas de modo a confirmar ou refutar tal achado.

Por último, o NC da RS de masculinidade de estudantes do Ensino Médio do interior de Pernambuco, a partir da pesquisa pelo método *mise en cause*, apresenta-se como sendo composto pelos elementos homem, machismo e força, indicando a reiterada obrigatoriedade, imposta cultural e socialmente, de performar os estereótipos de masculinidade em nossos corpos, em nossas falas, em nossa prática cotidiana.

Referências

ABRIC Jean Claude. L'organisation interne des représentations sociales: système central et périphérique. In: GUIMELLI, C. *Structures et transformations des représentations sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestrlé, 1994.

ALMEIDA, Edson Leandro. *Representações sociais de masculinidade de estudantes do ensino médio de Pernambuco*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. A Abordagem estrutural das representações sociais. *Psicologia da Educação*, São Paulo, PUC/SP, n. 14/15, p.17-37, 2002. Disponível em: <[file:///C:/Users/DR%20EDSON/Downloads/31913-Texto%20do%20artigo-85728-1-10-20170223%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/DR%20EDSON/Downloads/31913-Texto%20do%20artigo-85728-1-10-20170223%20(2).pdf)>. Acesso em 19 nov. 2021.

ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pillar. Maria, Maria, João, João: Reflexões sobre a transexperiência masculina. In: *Fazendo Gênero 9 (Diásporas, Diversidades, Deslocamentos)*, 2010, p 1-10. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/>> Acesso em: 28 de nov. de 2021.

BEARD Mary. *A masculinidade é o inimigo, não os homens*. Eu moro com um'. BBC News Mundo. Antía Castelo. 21 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-54918468>>. Acesso em: 17 de jan. de 2021.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUSSINGER, Rebeca Valadão; MENANDRO, Maria Cristina Smith; PADILHA, Isadora Lee. Representações sociais de masculinidades de mulheres lésbicas e heterossexuais. 2017. *Gênero | Niterói*. v.18, n.1, p. 259-279, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31286>>. Acesso em: 16 de nov. 2021.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CARVALHO, Maria Eulina P. de. Violências na escola: o que isso tem a ver com violências de gênero? In: Fernando Andrade. (Org.). *Escola: faces da violência, faces da paz*. 1ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012, p. 87-110.

CERQUEIRA, Daniel et al. *Atlas da Violência 2021*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, v.20, nº2, jul/dez 1995. pp. 185-206.

CONNELL, Raewyn. *Educando a los muchachos*: Nuevas investigaciones sobre masculinidad y estrategias de género para las Escuelas. *Nómadas*, nº 14, 2001. p.156-170.

CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, Raewyn. *Masculinidades*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

COUTINHO, Sabrine Mantuan dos Santos et all.. “Por que os homens não cuidam da saúde?” A saúde masculina na perspectiva de estudantes da área da saúde. 2014. *Revista APS*, v.17, n.2, p. 167-179, 2014. Disponível em:< <https://periodicos.uff.br/index.php/aps/article/view/15215/8029>>. Acesso em: 18 de ago. 2021.

FLAMENT, Claude.(1994a) Aspects périphériques des représentations sociales. In C. Guimelli (Org.), *Structures et transformations des représentations sociales* (p. 85-118). Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1994.

FLAMENT, Claude; ROUQUETTE, Michel-Louis. *Anatomie des idées ordinaires*. Paris: Armand Colin, 2003.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUTMANN, Matthew. O machismo. Tradução: Michele Markowitz. In: *Antropolítica*. n. 34, v. 1, p. 95-120. Niteroi, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41518/23638>>. Acesso em: 06 de janeiro de 2022.

HALBERSTAM, J. *Masculinidad Femenina*. Trad. Javier Sáez, Barcelona-Madrid: E. Egales, 2008.

JODELET, Denise. *Loucura e representações sociais*. Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luíza (Org.). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto/PT: Edições Afrontamento, 2005.

MOLINER, Pascal (Ed.). *Dynamique des représentations sociales*. Grenoble, France: PUG, 2001.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em Psicologia Social*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NASCIMENTO, Célia Regina Rangel; TRINDADE, Zeidi. A. Criando meninos e meninas: investigação com famílias de um bairro de classe popular: Investigação com famílias de um bairro de classe popular. *Arquivos Brasileiros de Pesquisa*, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 187-200, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200017>. Acesso em: 14 abr. 2020.

NIELSON, Rex P. Anti-nostalgia e a masculinidade tóxica na obra de Michel Laub e Luiz Ruffato. *REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS*, vol. 2, n. 19, p. 255-266, mai.-ago. 2018. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3139>>. Acesso em: 06 de dez. 2021.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PEREIRA, André Alves; PONTAROLO, Fábio. A representação social e a masculinidade em textos de 1840 e 1920 da literatura brasileira. 2010. *VOOS Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá*. Vol. 02, n. 02, 2010. Disponível em: <<http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/viewArticle/121>>. Acesso em: 22 de nov. 2021.

PEREIRA, José Marcio; GAMAS, Luciane Cristina. Redes sociais, masculinidade hegemônica e violência: o machismo como elemento (des) civilizacional no Brasil. Perspectivas em diálogo: *Revista de educação e sociedade*, v. 8, n. 17, 2021, p. 215-234. Disponível em: <<https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/persdia/article/view/12781>>. Acesso em: 16 de nov. 2021.

SANT'ANNA, Hugo Costa. OpenEvoc: um programa de apoio à pesquisa em Representações Sociais. In: AVELAR, L. Z. et all. *Psicologia Social: desafios contemporâneos*. Vitória: GM Gráfica e Editora, 2012.

VERGÈS, Pierre; TYSZKA, Tadeusz; VERGÈS, Pierrette. (1994). Noyau central, saillance et propriétés structurales. *Papers on Social Representations*. Linz, 3, 3-12, 1994. Disponível em: <https://psr.iscte-iul.pt/index.php/PSR/article/view/187>> Acessado em: 10 de out. 2021.

WACHELKE, João Fernando Rech (2009). Índice de Centralidade de Representações Sociais a partir de Evocações (INCEV): Exemplo de Aplicação no Estudo Da Representação Social Sobre Envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 102-110.

WACHELKE, João Fernando Rech; WOLTER, Rafarel. Critérios de construção e Relato da Análise Prototípica para Representações Sociais. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2011, 27(4), 521-526.

WAGNER, Wolfgang. Sócio-gênese e características das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira (Eds.), *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia, GO: AB, 1998.

ZANARDI, Ana Carolina Herdy. *Masculinidades contemporâneas: representações da masculinidade na ótica de homens e mulheres executivos*. 2012. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Empresarial). Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: FGV, 2012. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10275/Dissertacao_Masculinidade_completa_VF_30_11_12.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 de nov. 2021.

Recebido em junho de 2022.
Aprovado em julho de 2022.